80
ANOS

EUCLIDES DA CUNHA NA AMAZÔNIA

MANAUS ∘ *SÃO PAULO* ∘ *SÃO JOSÉ DO RIO PARDO*

CENTRO CULTURAL FRANCISCO MATARAZZO SOBRINHO

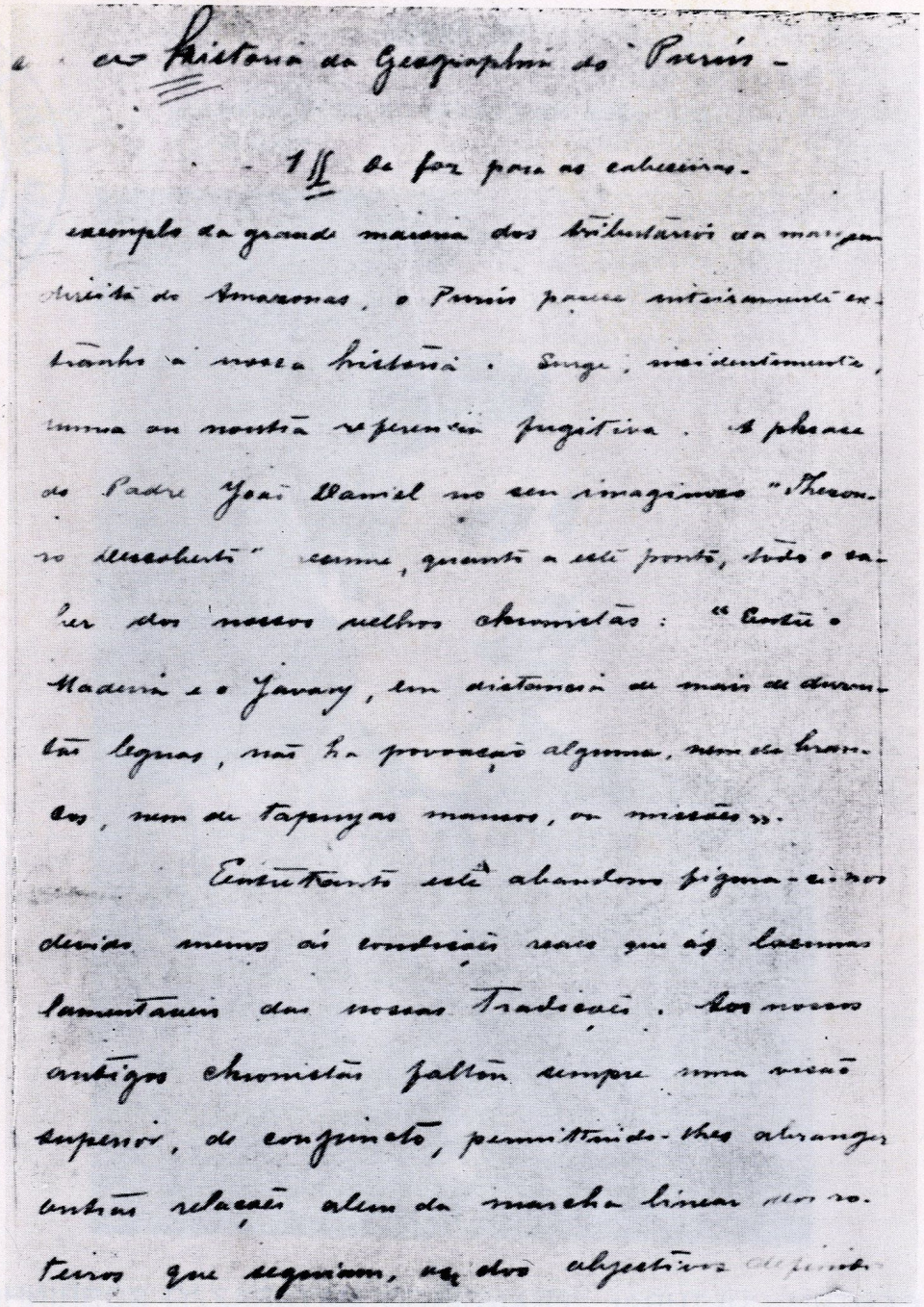
80 ANOS

Euclides da Cunha na Amazônia.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO MONTEIRO

AmM 0543

CENTRO CULTURAL "FRANCISCO MATARAZZO SOBRINHO"
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO AMAZONAS - UBE/AM
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS - CASA DA CULTURA "EUCLIDES DA CUNHA"



Historia da Geographia do Purús -

- 1 II de fez para as cabeceiras.

exemplo da grande maioria dos tributarios da margem direita do Amazonas, o Purús parece inteiramente extranho á nossa historia. Surge, incidentemente, numa ou noutra referencia fugitiva. A phrase do Padre João Daniel no seu imaginoso "Thesouro Descoberto" resume, quanto a este ponto, todo o saber dos nossos velhos chronistas: "Entre o Madeira e o Javary, em distancia de mais de duzentas leguas, não ha povoação alguma, nem de brancos, nem de tapuyas mansos, ou missões".

Entretanto este abandono figura-se-nos devido menos ás condições reaes que ás lacunas lamentaveis das nossas tradições. Aos nossos antigos chronistas faltou sempre uma visão superior, de conjuncto, permittindo-lhes abranger outras relações alem da marcha linear dos roteiros que seguiam, ou dos objectivos definidos

Fac-simile da primeira página de "Notas sobre a História da Geografia do Purus", com letra de Euclides da Cunha.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Euclides da Cunha chegou em 1905 à Amazônia chefiando a Comissão Brasileira de Limites com o Peru. Apontara já a cruel realidade de Canudos, agora vinha inteirar-se de outra fabulosa região brasileira. Talento raro de escritor, com a força do sertanejo por ele imortalizado neste adjetivo **forte**, trazia também, na veia do seu talento, a ponta do sociólogo questionador da problemática brasileira. Tanto que notável é, assim como suas páginas inesquecíveis d'**Os Sertões**, o conjunto de seus estudos-reportagens, as pequenas radiografias de sua visão amazônica enfeixados na Primeira Parte da coletânea **À margem da História.**

Diante da grandiosidade e exuberância da região, vendo-se pequeno frente àquela natureza, então uma floresta virgem, o Inferno Verde a fascinar de mistério gentes de toda a parte do mundo, a impressão que lhe ficou só pode ser referida através de suas próprias palavras:

"O homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem...".

Do rio, Euclides nos mostra em tintas vivas a violência das águas da pororoca avassaladora e, nos plácidos remansos, a tranqüilidade do colosso generoso cioso de suas forças. Esses retratos sempre me foram familiares desde a infância, seja pelo quadro, embora modesto, apresentado a meus olhos nos rios da pré-Amazônia e Baixada do Maranhão, seja pelos livros de Raimundo Lopes: **Uma região tropical** e **O torrão maranhense**.

Euclides da Cunha, com seu arguto senso de análise e observação, junto com o vigor de sua pena de estilista, muito contribuiu para exprimir e comprender a alma brasileira. E ele a expressou da mesma forma magistral e definitiva como o fez com a realidade nordestina.

Sempre há de ser lembrado como inquieto desbravador de nossas verdades mais fundamentais.

Desejo que a promoção do Centro Cultural Francisco Matarazzo Sobrinho seja coroada de sucesso absoluto, como merecem as iniciativas que se voltam ativamente para a preservação da memória nacional.

JOSÉ SARNEY
Presidente

A evocação aos 80 anos de Euclides da Cunha na Amazônia, representa importante investimento cultural na apresentação de uma exposição iconográfica da viagem encetada pelo escritor com tanto deslumbramento. Diria que seu deslumbramento pelos problemas amazônicos foi tal, que, por antinomia com Humboldt, pensou em escrever uma obra monumental a que intitularia: "Paraíso Perdido". A obra não viria à luz, mas os subsídios para sua confecção ficaram esparsos pelas páginas dos outros livros e de vários inéditos, que recentemente vieram a prelo. E por eles se verifica que, dentre os planos euclidianos para o continente verde, reponta a idéia de uma penetração, que ligasse o Brasil desenvolvido ao Brasil primitivo, ampliando essa penetração aos países da bacia amazônica.

A obra de Euclides é todo um repositório infindável de temas brasileiros, que reunidos formam a mais completa enciclopédia de altos estudos da problemática nacional. Em boa hora, o euclidianista Leandro Tocantins apela ao Senhor Presidente José Sarney para que sejam reunidos todos os artigos, estudos e ensaios de Euclides da Cunha sobre a Amazônia para formar o livro: "Paraíso Perdido". É o resgate de importante segmento da cultura brasileira, agora reincorporado na exposição organizada pelo Centro Cultural "Francisco Matarazzo Sobrinho", em Manaus e outras cidades, acompanhada da cronologia comentada de sua viagem.

Uma sugestão das mais significativas para recompor a presença euclidiana pela Amazônia e, pode-se repetir com Euclides, que "os tempos que vão passando são, na verdade, admiráveis". Admiráveis pelo reencontro de quem soube antecipar o futuro no seu presente pela força do que contem seus ensaios tão lúcidos e atuais.

Prof. Paulo Nathanael Pereira de Souza
Presidente do Centro Cultural
"Francisco Matarazzo Sobrinho"

ENTREVISTA DE EUCLIDES DA CUNHA AO JORNAL DO COMÉRCIO — Manaus — 29 de outubro de 1905

— Que houve de mais importante na dificultosa viagem da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus?

— Responderei apenas a sua primeira pergunta, fazendo-o de modo a dar uma apagada resenha da nossa viagem — e assim procedo porque, avaliando as reservas que devem existir em trabalhos desta natureza — reservas que, a meu ver, devem estender-se aos últimos pormenores técnicos — não desejo romper com uma utilíssima praxe.

Farei, portanto, uma breve narrativa, restringindo-a a assuntos que entendam o menos possível com os deveres profissionais.

Partindo de Manaus, a 5 de abril, aqui aportamos, de volta, a 23 do corrente: seis meses e meio. Para muitos isto foi um prodígio de celeridade, dada a quadra imprópria, em que seguimos.

Mas o fato explica-se pela própria natureza da comissão. Íamos em trabalhos dessa engenharia expedita em que uma vasta série de observações e estudos colhidos no menor tempo possível compensam largamente o grau inferior de precisão nos resultados conseguidos. De fato, o que importava sobretudo era um juízo claro e pronto, de conjunto, das regiões atravessadas, uma síntese enfeixando-lhes os aspectos predominantes — relegando-se naturalmente a indagações ulteriores, pormenorizadas e lentas, todas as outras faces, numerosíssimas, que nos patenteia qualquer paragem perlustrada, e que vão, numa complexidade crescente, do simples fato astronômico da determinação das coordenadas às manifestacões variadíssimas da vida.

Realmente para o engenheiro, num reconhecimento, a rocha, a flor, o animal surpreendido numa volta do caminho, um recanto da floresta, um pedaço de rio enovelado em corredeira ou destacado em estirões, e as mesmas estrelas que ele prende por um instante nas malhas dos retículos, tudo que se lhe agita em roda deve impressioná-lo, mas não o prende, não o manieta e não o retarda.

Nós podíamos avançar aforradamente, e fizemo-lo, visando ressarcir o tempo que se perdera em Manaus.

Entretanto levamos ainda um mês para chegarmos à boca do Acre; e quinze dias depois, a 21 de maio, tivemos de estacar, antes da confluência do Chandless, em virtude do lamentável naufrágio do batelão "Manuel Urbano", onde iam os nossos gêneros. Retidos pelo doloroso incidente, que nos desaparelhava de recursos precisamente à entrada do deserto, e impunha a reorganização da Comissão enfraquecida justamente na ocasião em que deviam multiplicar-se as suas energias para investir com o desconhecido — somente em começos de junho abalamos da boca do Chandless para a frente.

Íamos em canoas, e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam, pela primeira vez, os varejões e os remos, se atenderdes que o rio, esgotado, impunha os máximos resguardos no se evitarem choques em paus e entalhes nos baixios, e se somardes todas as paradas obrigatórias nas estações em que avaliávamos as distâncias com a luneta de Lugeol — ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo resultantes de um confronto de nossa marcha ronceira de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer.

Estas coisas, porém, foram melhorando em marcha. O soldado ou o trabalhador bisonho a pouco e pouco se transmudou no varejador desempenado, e a observação persistente do regime das águas esclareceu os proeiros no se desviarem dos sucessivos obstáculos, de sorte que, duplicada a breve trecho a nossa marcha, fomos atingindo celeremente as principais escalas do roteiro.

A 3 de junho chegamos a Novo Lugar onde estacionara a Comissão Administrativa Brasileira, tolhida pela vazante; a 21 estávamos em Cataí; a 29 em Curanjá. Compensara bem, nesta arrancada, parte do tempo que se perdera.

Partimos de Curanjá a 5 de julho, depois de breve demora para se regularem os nossos cronômetros, e zarpamos para a Forquilha longínqua do Purus.

Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia entre nós e as nascentes do Purus, descido, um desmesurado telão, no-las escondendo. Ademais no "casario" de Curanjá, onde fomos bem acolhidos, avultavam, mais desanimadores, os informes relativos aos lugares que íamos atravessar.

Concluía-se que eram impenetráveis, somente accessíveis às ubás ligeiras dos caucheiros tripuladas pelos Amauacas mansos. Multiplicavam-se os paus, as pedras e baixios que trancavam o rio. Repontavam os obstáculos novos das cachoeiras, no leito, e grandes tremedais às margens dos rios esgotados, e, cumulando tais empeços, ao cabo, o antagonismo formidável dos Campas destemerosos. Citava-se o homicídio de um empregado da casa Arana, desta cidade, e apensos a este caso verídico sem número de outros vinham engravecer os desalentos, dando-nos quase certeza de que não poderíamos ir muito longe. E como experimentado caucheiro de Curanjá nos marcara 17 dias para chegarmos à Forquilha imaginamos efetuar esta travessia em 25 pelo menos.

Fizemo-la em 13. A diferença é expressiva e dispensa comentários no delatar o afogado da sulcada.

Contribuiu certo, para isto a mudança do clima que rapidamente varia, tornando-se muito superior ao dos lugares a jusante.

A própria praga de "carapanãs", "piuns" e "mantablancas" que para baixo tortura por tanta maneira o viajante, ali desaparece; e numa constância admirável sem repentinas transições de temperatura e sem a pesada umidade que até então suportáramos, o regime geral tem uma ação tonificante, cujos efeitos para logo sentimos no mesmo reanimar-se das nossas disposições para o avançamento. Mas, por outro lado, lá estavam, tangíveis, as grandes dificuldades contra as quais embateríamos, impotentes.

Duvidávamos da subida. No rio Cujar, que conduz ao varadouro por assim dizer oficial, percorrido até hoje pelos que demandam Iquitos, pelo Ucaiale, aguardávamos, à parte os bancos de areias e paus, 74 cachoeiras. Se as transpusésemos chegaríamos ao Cavaljane onde os entraves redobrariam ao lado dos mesmos empecilhos das quedas d'água... Depois viria a passagem penosíssima do Pucani, para afinal entrar-se no "varadouro".

No Curiuja idênticos obstáculos.

Sobre tudo isto, a ameaça dos "infiéles". Duas horas antes de alcançarmos aquele ponto tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frecheiras, o cadáver de uma mulher, uma Amauaca. Fôra, ao que colhemos depois, trucidada pelos bárbaros, que rondavam por perto, numa ameaça permanente e surda.

Vêde bem: íamos como na complicada urdidura de um conto oriental; os trabalhos cresciam-nos à medida que os vencíamos.

Assim partimos da Forquilha, confluência do Cujar e do Curiuja, para a frente.

E fomos a meia ração. Bem andávamos paragens despovoadas e os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se a carne sêca, farinha que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar que tenazmente poupado durou 3, meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado.

Propositadamente apresento esta lista. É eloqüente.

Prosseguimos a 24 — e vimos logo o fundamento das informações obtidas. — Na parte inferior, antes do primeiro rápido, o Cujar, desenrolado em estirões, alargando-se não raro de modo desproporcionado às suas águas escassas, dificultou a passagem pelos longos e descontínuos baixios, indo de uma a outra margem, sem o mais estreito canal que evitasse o exaustivo serviço do arrastamento das canoas. Um empêço novo aparentemente desvalioso, aparecera na ve-

getação característica de suas margens, orladas de "buchiticas", (**Calliandra trinervia**) leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos distendidos horizontalmente e repousando sobre as águas tomavam em largos tratos os trechos de melhor acesso. Desta sorte, antes mesmo de galgarmos a parte encachoeirada, tivemos tresdobrada a luta que traváramos desde a confluência do Chandless e vimo-la engravecida pela impropriedade das nossas embarcações mui diversas das ubás aligeiradas, únicas que se afeiçoam àquele rio.

Atingindo o primeiro rápido, vimos para logo, à parte os inconvenientes próprios à sua passagem, uma causa inevitável de demora na baldeação por terra, perlongando os barrancos, as divergências dos nossos cronômetros já tão duramente batidos pela navegação anterior.

Transmontamo-lo; e dali por diante, numa intercadência invariável, numa sucessão intervalada de degraus, se nos antepuseram aquelas barreiras, vencidas não raro a pulso, lentamente arrastadas as canoas sobre as pedras, quando não exigiam o supletivo de sirga ou cabos de segurança reagindo à violência tumultuária da correnteza.

A natureza do terreno mudara.

Revelavam-no as pedras que afloram por toda a banda, formando quase todo o leito do rio.

São evidentemente, rochas sedimentárias, mas sob os dois aspectos que patenteiam, já finamente granuladas, já em grosseiros conglomerados, recordam a consistência, a rijeza dos quartzitos e dos granitos. A combinação ou separação de ambos forma as várias formas de quedas, que ora tombam, **ex-abrupto**, de um salto único, ora em repetidos socalcos, ou então em planos clivosos, eriçados de pontas ou atravancados de blocos desmantelados.

Assim, variávamos os meios para vencê-las. Não os apresentarei para não dilatar esta resenha — assim como nada direi sobre sofrimentos, que se prevêem, para fugir à triste contingência de fazer "reclame" de sacrifícios.

No dia 30 de julho alcançamos a confluência do Cavaljane. Estávamos nas cabeceiras do Purus.

Prosseguimos — chegando no dia 3 de agosto às 12 e 55 minutos à entrada do Pucani; e às 12 e 58, desembarcados, penetrávamos na estreita quebrada que leva ao varadouro. Note este intervalo.

Não podíamos parar. Os nossos gêneros esgotavam-se e estávamos em pleno deserto...

O Pucani tortuoso, estreito de uns três metros e em geral raso, foi percorrido a pé, transpostos os profundos poços em que intermitentemente se afunda, pelos atalhos que lhe ladeiam os barrancos, dentro do mato. Sem guias, não nos transviamos por uma outra quebrada igual, que lhe aflui à esquerda, graças às latas vazias, de conservas e de pólvora, que íamos a espaços encontrando — de sorte que às 3 e 15 ao chegarmos a um último poço, deparávamos — retilíneo, atrevidamente arremessado por uma vertente fortíssima — o sulco do varadouro...

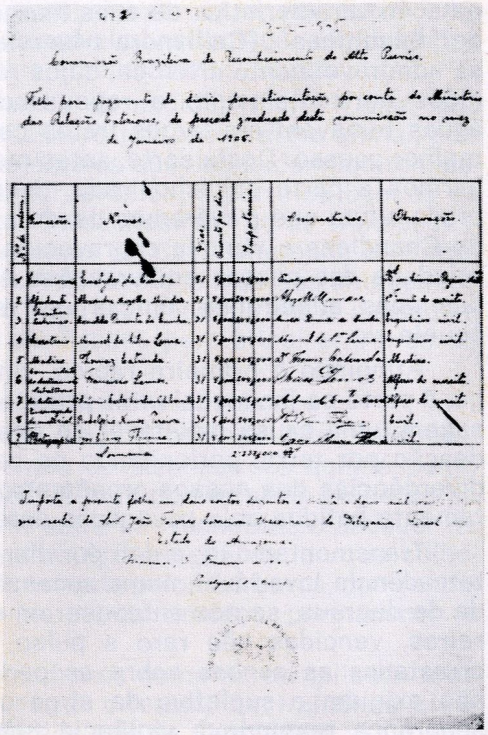
Extremam-no quatro "tambos" de paxiúba, onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. Em roda, por todos os lados, latas vazias, de conservas, garrafas, e uma velha ferragem espalhada, delatavam a escala forçada dos que por ali passam e um tráfego relativamente grande.

O varadouro, largo de um metro, abre-se adiante, para o sul. Empina logo em ladeira e muito mais íngreme do nosso lado, descamba depois, mais suavemente, em três pequenos socalcos, para o vale do Ucaiale. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante, e não conseguimos, absolutamente, observar o aneróide.

O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente ao sul, ao norte e a leste — foi a imagem arrebatadora da nossa pátria que nunca imaginei tão grande.

Fiquemos nesta altura...

Varadouro que liga o rio Puconi ao Mochete, afluente de afluente do Ucayale ..."de sorte que às 3,15 ao chegarmos ao último poço deparávamos — retilíneo, atrevidamente arremessado por uma vertente fortíssima — o sulco do varadouro..." Euclides da Cunha.



Folha de pagamento de diária para alimentação, onde se prova a presença do fotógrafo Egas Chaves Florença, profissional que os biógrafos de Euclides da Cunha julgavam que não teria participado da viagem, por oposição do Visconde de Cabo Frio. (Original no Arquivo Histórico do Itamarati).

O RESGATE DE UM PARAÍSO PERDIDO

Na distância do tempo, ainda jovem, impressionou-me a leitura do epistolário contido em "Cartas de Machado de Assis a Euclides da Cunha", por Renato Travassos (Rio de Janeiro — Waissman Reis & Cia — 1931) e "Euclides da Cunha e seus amigos", de Venancio Filho (São Paulo — Companhia Editora Nacional — 1938), cujas cartas marcam efetiva emoção. Ao publicar "De Lorena a imortalidade", em 1967, estava nos meus propósitos ou intenções a edição de um in-folio contendo as "Cartas de Euclides de Manaus".

Infelizmente, muitas cartas desapareceram no tempo e pouco sobrou da intensa correspondência mantida por Euclides da Cunha. Recém-chegado a Manaus, a 30 de dezembro de 1904, em carta a seu pai, afirmava: "Mandei-lhe brevíssimos de todos os portos onde estivemos, em cartões postais. Não sei se aí chegaram"...

Caso o destino preservasse esse conjunto de postais e teríamos a visão de cada cidade a marcar a presença euclidiana.

De Fortaleza, em 22 de dezembro de 1904 manda postal a Rodrigo Octavio, dizendo ter ouvido "na boca de um rude filho deste Ceará admirável":

"Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
— De dia vento de terra
— De noite vento do mar".

A viagem agora revisitada tem poucos pontos de referência com relação ao navio "Alagoas", cujas impressões de Euclides perderam-se no tempo. Registra estada no Recife, onde manteve contato com intelectuais, dentre eles Oliveira Lima e correspondência com Regueira da Costa a quem ofereceu um retrato autógrafo de Manaus.

Louva Belém em carta a seu pai: "Passei ali duas horas inolvidáveis — e nunca me esquecerei a surpresa que avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheiresca e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem."

E o mergulho no rio/mar, chega à capital dos seringueiros e caucheiros. Suas impressões registradas em cartas demonstram a visão do real de uma época. Fica o enfoque de suas impressões de momento e contendo expontaneidade. Não é o registro meditado, refletido, pensado. É o flagrante como o contido neste trecho de carta endereçada a Afonso Arinos em dezembro de 1904:

"Felizmente a gente é boa. Em que pese o cosmopolitanismo desta Manaus, onde em cada esquina range o português emperrado ou rosna rispidamente o inglês e canta o italiano — a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas do coração — e certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil ainda chega até cá!"

Euclides da Cunha teve sempre a preocupação do registro rápido, apressado contra o tempo. Era um inquieto. Dizia: "quero escrever-te a correr como quem foge de uma tortura". Essa tônica é a constante de sua vida. Ele tinha a certeza de que as cartas preservadas na posteridade seriam lidas e serviriam de pontos de referência para configurar a memória. Fixa costumes, observa pessoas, dimensiona a cidade e seus condicionamentos, registra opiniões. Suas preocupações são as nossas preocupações para com a Amazônia. Atribulado e atropelado pela ação de uma missão, com a "vida perturbada e fatigante", diante de impressões que lhe eram desconhecidas de quem estava "totalmente absorvido pelos mil nadas da profissão". Inebriado, inquieto ou irriquieto nos dias em que passou em Manaus à espera de seguir jornada.

tinha em mente uma tarefa e um ideal. Foi numa carta escrita a 10 de março de 1905, a Coelho Neto, que dava a notícia de um livro que não chegou a concretizá-lo:

"Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, e num livro: 'UM PARAÍSO PERDIDO' onde procurarei vingar a Hiloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas, emaranhadas e trágicas."

Um projeto que ficou fragmentado e disperso. Era desejo de fixar miniaturas do caos de quem antevia o amanhã. A repercussão do anúncio do livro perturbou Euclides, ciente da responsabilidade assumida. É o universo ilimitado do desconhecimento. Uma maravilhosa reconciliação com o seu tempo, extraindo essência reflexiva em carta endereçada a Artur Lemos:

"Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição de espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem.

Ela só aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado.

Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. A notícia que aqui chegou num telegrama de um meu novo livro, tem fundamento: escrevo, como fumo, por vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros.

Escreverei um 'Paraíso Perdido', por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira."

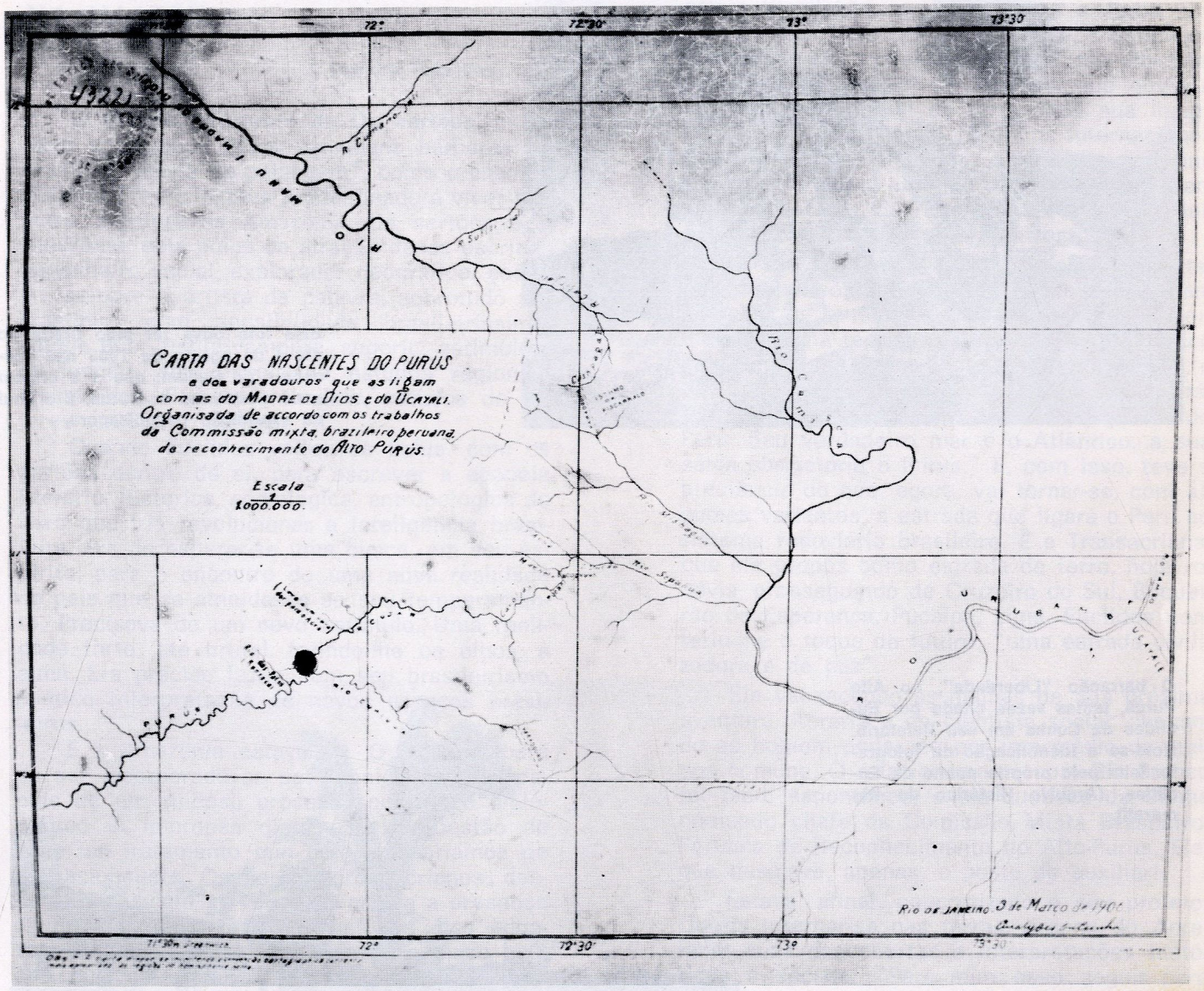
Eis um desafio e uma coragem de resgatar tudo o que foi escrito por Euclides da Cunha sobre a Amazônia, na sugestão feliz do euclidianista Leandro Tocantins ao formular apelo ao Presidente José Sarney na edição de "Um Paraíso Perdido". É o resgate de parte da memória e esse desafio deve ter a consciência de todos na preservação de uma carta, foto, artigo, manuscrito. É um paradoxo que somente agora se faz a cronologia comentada da viagem da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus na apaixonada aventura de outro euclidianista — Osvaldo Galotti. Tema e assunto para reflexão do que representou essa aventura de um escritor em busca do Brasil quando em carta a José Veríssimo desabafa em 8 de novembro de 1905:

"Mas ainda desta vez nada lhe poderei contar, senão que estou bom, embora pressinta que os longos dias de ansiedade, de misérias e triunfos passados nas cabeceiras do Purus me prejudicaram a vida. Misérias e triunfos... somente a viva voz lhe poderei contar como fundi aquelas coisas antinômicas, numa batalha obscura e trágica com o deserto. Além disto, estas coisas não se podem contar quando se tem a cabeça a doer de logaritmos."

Esta foi a última carta amazonense de Euclides a ser preservada. Pouco depois demonstrava força energética e telúrica e escreve: "Graças aos Deuses aqui estou armado da minha bela energia de caboclo e enfrentando a rir os trambolhões desta vida que afinal são menores que as setenta e três corredeiras do Cujar."

Eis em síntese as reflexões que ficam para o resgate de "Um Paraíso Perdido" que ora está configurado na iniciativa do Centro Cultural "Francisco Matarazzo Sobrinho" em revisitar através de fotos a grande aventura vivida por Euclides da Cunha na Amazônia em busca desse paraíso perdido.

Henrique L. Alves



Em Alerta (mancha preta), barracão de Carlos Sharf, o Purus se bifurca em Cujar e Curianga, que lhe são os ramos de origem. É um povoado peruano de umas 150 pessoas. Euclides hospedou-se em casa de Carlos Sharf, a convite deste. Aí as duas comissões, a brasileira e a peruana, receberam a homenagem de um almoço na casa comercial de Carlos Sharf, onde Euclides notou uma profusão de bandeiras peruanas e nenhuma brasileira.

Esta foto deve ter sido tirada no dia 4 de agosto de 1905 nas nascentes do Pucani, que é a origem mais meridional do Purus. É o final da expedição pesquisadora.

O barracão "Liberdade", no Alto Purus, tantas vezes citado por Euclides da Cunha em seu Relatório. Note-se a identificação da fotografia feita pelo próprio punho de Euclides. (Arquivo Histórico do Itamarati).

EUCLIDES DA CUNHA NA AMAZÔNIA

Leandro Tocantins

O grande intérprete de **Os sertões**, o homem apaixonado pelas paisagens bárbaras do Brasil, o "mártir da paisagem", como o chamou Gilberto Freyre, estava predestinado a viver sua outra aventura na Amazônia. Os sertões e a Amazônia, dois pólos de atração desse escritor, engenheiro social, explorador geográfico, ecólogo, sempre o artista da palavra, sobretudo um brasileiro com sensibilidade brasileiríssima, aquele que, instintivamente, sugeriu, estimulou, ou fundou, uma escola de estudos regionais amazônicos. E, bem entendido, estudos de valores culturais múltiplos.

Quando Euclides voltou da Bahia, com os sertões dentro de si, para escrever a epopéia literária, histórica, sociológica, antropológica do livro que iria revolucionar a inteligência brasileira, era de esperar-se uma busca, em seu espírito, para o encontro de uma nova realidade do país que se amoldasse ao seu temperamento. Precisava de um novo estímulo. Uma realidade forte, até brutal, ferindo-lhe os olhos, a alma. Era preciso fazer, com seu brasileirismo místico, interpretação de novos espaços brasileiros.

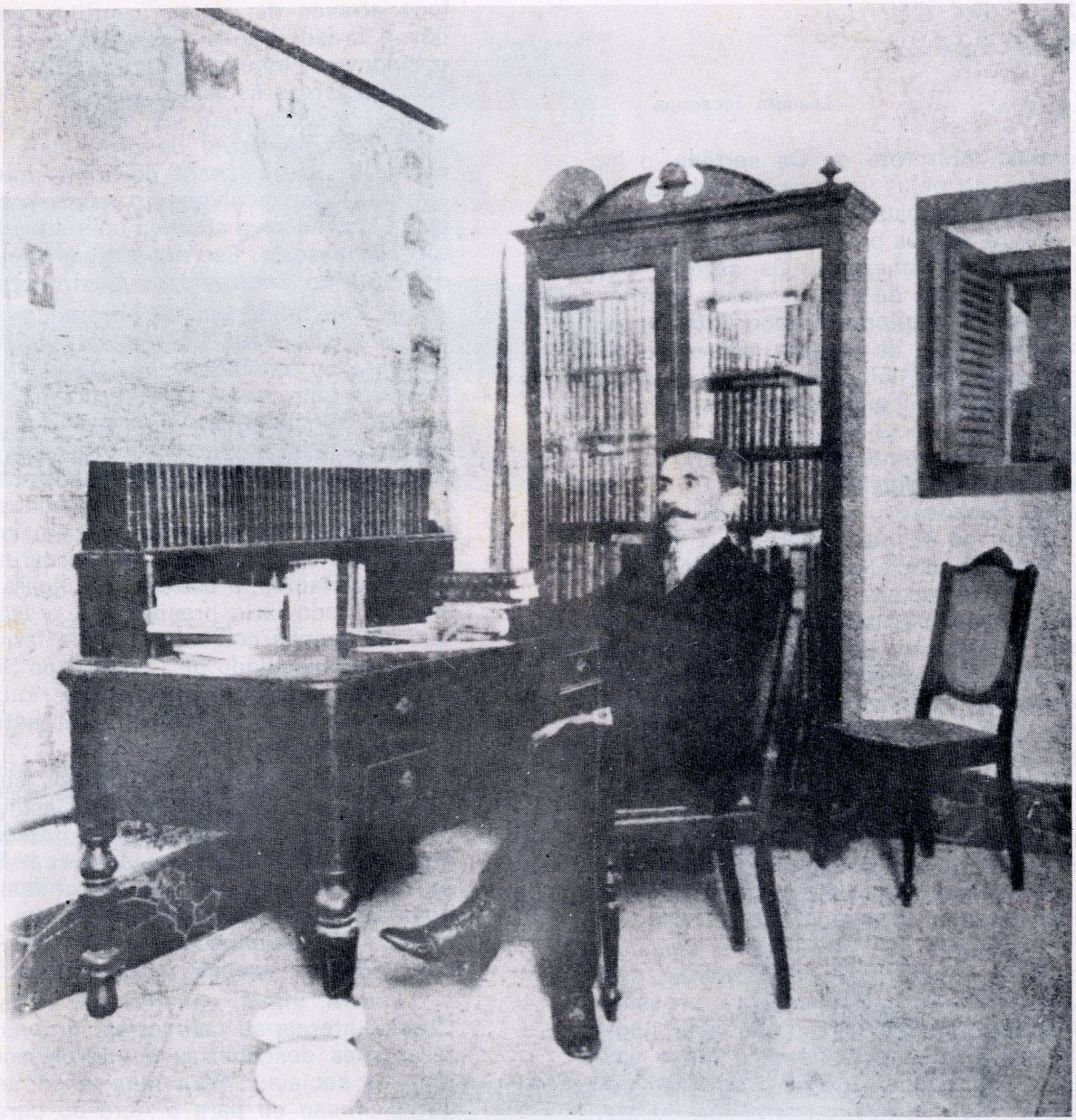
E a Amazônia estava ali. O Acre acabara de ser incorporado ao patrimônio nacional, depois de um ruidoso processo político e diplomático. A imprensa dispensara à questão do Acre um tratamento que hoje chamaríamos de sensacionalista. Os seringueiros acrianos, desde 1899, haviam se rebelado contra a presença da Bolívia em terras acrianas, que eles julgavam nacionais. Plácido de Castro, o moço gaúcho que comandaria a reação vitoriosa dos acrianos contra as tropas regulares da Bolívia, recebera, no Rio de Janeiro, verdadeira consagração pública, tendo à frente o Barão do Rio Branco, o arquiteto do Tratado de Petrópolis, instrumentalizador da paz entre Brasil e Bolívia.

Euclides da Cunha passa a acompanhar as notícias vindas do Acre, agora novamente em foco através de graves conflitos entre peruanos e brasileiros, nos rios Purus e Juruá. Era o indomável batedor de sertões e o estudioso dos problemas sociais e políticos, tão vibrantemente revelados em **Os sertões**, que ouvia o chamado irrecusável da terra onde sua imaginação já armara lances do drama internacional, em pleno desenvolvimento nas selvas amazônicas. Ele precisava atingi-lo com suas experimentações pessoais. Escreve artigos (depois incluídos no livro **Contrastes e Confrontos**).

A sua tendência de aprofundar-se nos temas dramáticos da História, sua visão penetrante sobre os fenômenos sociais e políticos, formularam uma teoria: a da procura do Atlântico pelo Peru, uma decorrência política. "De fato, o Pacífico, ainda que se rasgue o canal de Nicarágua, parece que pouco influirá no progresso do Peru. Seu verdadeiro mar é o Atlântico, a sua saída obrigatória o Purus." E, com isso, teve a preciência do que, agora, vai tornar-se, com algumas variantes, a estrada que ligará o Peru ao sistema rodoviário brasileiro. É a Transacriana, que ele propôs como estrada de ferro, hoje rodovia, prosseguindo de Cruzeiro do Sul, Boqueirão de Esperança, Pucalpa, Lima. Euclides conferiu-lhe o toque do futuro: "uma estrada civilizadora e de paz".

Ele vai tecendo as malhas de sua próxima aventura literária e de cientista social, chegando ao homem poderoso por intermédio de amigos comuns. O relacionamento com Rio Branco foi fácil, espontâneo, e eis Euclides da Cunha nomeado chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto-Purus. Ele, que desejava, apenas, o posto de auxiliar!

Estava, afinal, concretizado o seu projeto. Queria internar-se nas terras virgens do Acre, fazer suas descobertas e interpretações históricas e sociais: "Para mim esse seguir para Mato Grosso ou para o Acre ou para as ribas extremas do Maú é um meio admirável de ampliar a vida, o de torná-la útil e talvez brilhantíssima", escrevia a José Veríssimo. Antes, confessava a Luiz Cruls: "Alimento, há dias, o sonho de uma viagem ao Acre. Mas não vejo como realizá-la." Só lhe convinham as paisagens sel-



Euclides no gabinete de trabalho em sua residência em Copacabana. O grande mapa pendurado na parede é da Amazônia. A foto deve ser da época, em que ele estava elaborando a memória descritiva da zona percorrida. (Notas complementares anexadas ao Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Esse armário — estante encontra-se atualmente na "Casa Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo.

váticas, nada de "Boulevard", nem os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada e a vida afanosa e triste do pioneiro".

O Barão do Rio Branco deu-lhe muito mais, a realizar. Além de observador e intérprete dos aspectos físicos, humanos, sociais, "das riquezas essenciais" da Amazônia, o Chanceler atribuía-lhe missão política, diplomática e geográfica de alta importância para os destinos do novo Território Federal do Acre. E dali chegava-lhe a voz da terra bruta. Em Euclides da Cunha havia estados de alma de São Francisco de Assis, e a impetuosidade de um Lacerda e Almeida (o explorador brasileiro que ele mesmo cita). Tudo corresponde à sua atitude mental bem expressa em sua frase: "meu deserto bravio e salvador".

Ele embarca para a Amazônia a 13 de dezembro de 1904, e chega a Manaus nos últimos dias do ano. O destino lhe reservara o ano de 1905 como o da sua vivência amazônica, e, também, de sua glória de diplomata, explorador, escritor e artista. Uma glória integralmente amazônica. Euclides só retornaria ao Rio de Janeiro a 18 de dezembro de 1905. Este é, assim, o ano simbólico e amazonicamente euclidiano. A inteligência brasileira está em comemorações do seu 80.° aniversário.

Tive ocasião de dizer em meu livro **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido** que a viagem à Amazônia constitui uma abertura no pensamento do autor de **Os sertões**, antes um tanto limitado pelas teorias científicas em voga, e pelas generalizações que Gilberto Freyre considera "violentas", na grande obra inspirada em sua expedição a Canudos. No meu livro, acima citado, eu observo: "É na Amazônia que Euclides da Cunha viu um novo Brasil: um Brasil em que a mestiçagem étnica afirmava a presença do homem na terra e sua vitória sobre o meio. Que, afinal, o meio não se sobrepunha ao homem. Então, ele começa a retificar conceitos anteriores. Anima-o a experiência histórica das empresas humanas no trópico amazônico. Estende a sua visão genial aos horizontes da História sul-americana."

De sua anatomia amazônica, o livro projetado, com toda a certeza, **Os Sertões** da Amazônia. Ele, de Manaus, escreve a Coelho Neto: "Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, num livro, **Um Paraíso Perdido**, onde procurarei vingar a Hiléia maravilhosa de todas as suas brutalidades que a maculam desde o século XVIII." Seria o seu segundo "livro vingador", que a morte prematura o impediu de escrever. No entanto, as suas proposições amazônicas, pré-viagem, reunidas em **Contrastes e Confrontos**, mais o que produziu durante e após a viagem, como o **Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus**, vários capítulos de **À margem da História**, o artigo **Entre os Seringais**, na Revista **Kosmos**, de Manaus, as cartas escritas aos amigos e ao Barão do Rio Branco, o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, e **Peru versus Bolívia**, são um veemente indício da estatura de **Um Paraíso Perdido**.

A epopéia durou de 5 de abril de 1905, quando partiu de Manaus, em direção ao Purus, a 23 de outubro de 1905, data de seu retorno à capital amazonense. Duzentos e cinco dias de viagem por entre rios e florestas, levando "Uma carta de prego para o Desconhecido", como se expressou em carta a Edgar Jordão. Não se trata de uma frase de efeito. Euclides da Cunha teve de enfrentar a fase aguda do verão, com o rio seco e as seqüelas de um leito minimizado de águas: baixios, paus ameaçadores, corredeiras em pedras expostas. A lancha e os batelões de sua flotilha sofreram inúmeros encalhes, ocorrendo o naufrágio do batelão **Manuel Urbano**, onde iam gêneros e mercadorias, vitais para o suprimento dos expedicionários.

Incluam-se os desgotos causados pelos desentendimentos com o chefe da Comissão Peruana, D. Pedro Buenaño. Euclides da Cunha, ativo defensor dos protocolos diplomáticos e das instruções técnicas, desejava cumpri-los à risca. Havia a natural rivalidade entre brasileiros e peruanos. D. Pedro Buenaño, apesar de sua educação e competência, às vezes deixava transparecer um patriotismo ferido, e até um tanto agressivo, ocasionando divergências com Eucli-

des da Cunha. Pequenos e naturais incidentes motivavam cartas e reclamações do chefe peruano. As mensagens eram, às vezes, mordazes, da parte de D. Pedro Buenaño.

A expediãço brasileira sobreviveu quase heroicamente. Desfalcada do batèlão **Manuel Urbano**, atravessa dias de extrema penúria, até chegar novo suprimento, de Manaus. Só a coragem, a decisão, a fé de seu chefe, conseguiram levá-la ao êxito final. O impaludismo, o beri-beri foram companhias sinistras. **Experimentus crucis**, mas para ele, o forte, o idealista, uma sadia aventura espiritual: ele encontra motivações para reafirmar-se como homem dramática e ecologicamente brasileiro.

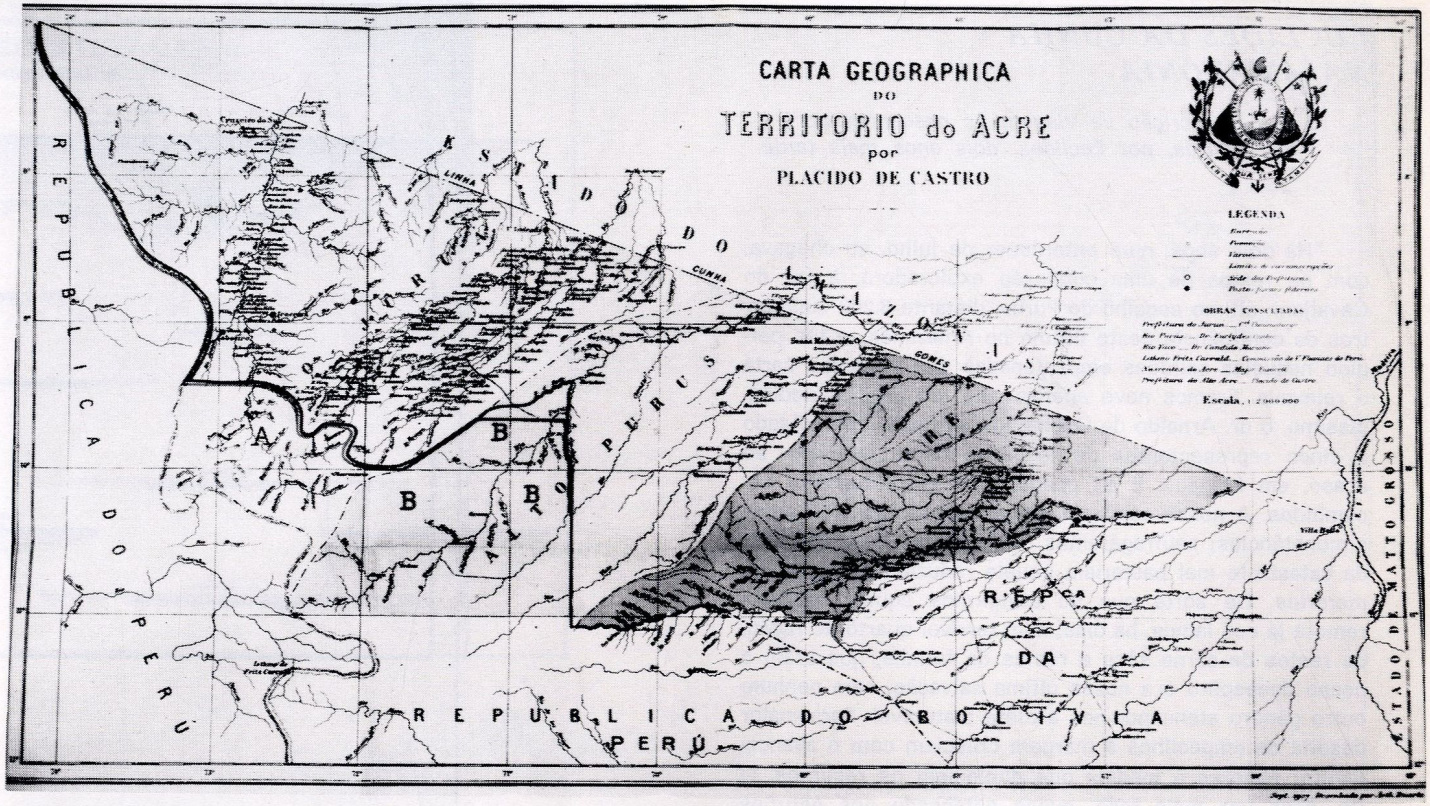
Euclides da Cunha faz o paralelo entre os dois grupos: "Contrastando com esta desventura, a comissão peruana, que acompanhávamos, estava íntegra, bem abastecida, robusta. Não sofrera o transe de um naufrágio. Eram vinte e três homens válidos, dirigidos por um chefe de excepcional valor."

Os ânimos da Expedição podem ser medidos por um episódio que hoje faz parte da biografia euclidiana. No lugarejo peruano **Curanja**, foi oferecido um almoço de homenagem aos chefes peruano e brasileiro. Euclides notou, na sala, a profusão de bandeiras peruanas, e nenhum sinal do símbolo brasileiro. Era uma descortesia imperdoável aos brios nacionais de Euclides da Cunha, que pensou em retirar-se. Entretanto, seus olhos fixaram-se na decoração das paredes, folhas de palmeiras "cujas faces internas, de um amarelo muito intenso, contrastavam no resto da folhagem", ele mesmo depõe. E no seu discurso de agradecimento, aludiu à "inteligente gentileza e requintada galanteria com que se tinha posto naquela sala a bandeira de nossa terra"! Houve surpresa geral. E o orador acrescenta que isto era nobilíssimo, pois, ao invés de procurar "no seio mercenário de uma fábrica a bandeira de meu país, tinham-na buscado no seio majestoso das matas, tomando-a exatamente da árvore que entre todas simbolizava as idéias superiores da retidão e da altura"!

As grandezas e misérias dessa expedição trouxeram, para as duas nações, a notícia veraz, o levantamento geográfico e humano exatos, assegurando o entendimento pacífico na hora de firmar o acordo. Rio Branco teve, enfim, seu momento decisivo, o de concluir o difícil Tratado Brasileiro-Peruano com a data de 8 de setembro de 1909, pondo fim a um processo de lutas armadas no Alto-Purus e no Alto-Juruá, e às complexas negociações diplomáticas que duraram seis anos. Euclides da Cunha, ao lado de Rio Branco, no Palácio Itamarati, trabalhou intimamente nesse Tratado.

Foi o contato lúdico com a Amazônia que lhe ampliou a visão histórica da América do Sul, levando-o a incursões sensacionais no campo da História e do Direito Público sul-americano. Ele não é somente o "mártir da paisagem", ele também é, na viagem ao Purus, o beato da História junto ao iluminado da natureza. Tudo passado a limpo pela sua inteligência e sensibilidade, a terra, os índios, a humanização da paisagem, a conquista dos espaços pelos primeiros exploradores da riqueza natural. Tudo é visto com amor franciscano: a água, a mata, as árvores, o céu, o sol, a chuva, até as estrelas de que tanto necessitou para seus cálculos astronômicos. E o seringueiro, o caucheiro, a quem defendeu, em piedade humana e justiça cristã, com a mesma veemência de um profeta bíblico.

Daí, é um passo para incursionar na História de nosso continente, a História em conexões extremas, Andes-Amazônia, dos fatos políticos e sociais que ele presencia em seus andamentos no Purus, ou pesquisa, olhos ainda mais arregalados dos que a natureza lhe deu, a gênese dos passos vindos da Cordilheira à Planície, a qual ele chama de "natureza criadora e forte do Oriente", que se "desentranha em riquezas incalculáveis". E bastou o conflito de fronteiras entre Peru e Bolívia, de fortes ressonâncias continentais, para que Euclides se lançasse, com a fé, a coragem e o idealismo de um cruzado, na luta pelo reconhecimento dos direitos claros, irrecusáveis da Bolívia. Bem entendido que foi o Barão do Rio Branco, interessado na preservação dos direitos brasileiros no Acre, o inspirador



e o mandante dos artigos de Euclides no Jornal do Comércio, em defesa da justa causa da Bolívia. Mas o discípulo superou o mestre. São de tal ordem histórica, de tal arrojo interpretativo, de tal prova jurídica, de tal escultura literária, de tal nobreza de espírito, que, reunidos no livro **Peru versus Bolívia**, transcendem aos tempos, e a obra torna-se uma das mais sérias, mais importantes e mais bem escritas sobre o processo de formação histórica do continente sul-americano que resultou da herança espanhola.

Nestes oitenta anos comemorativos da passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia, dever-se-ia editar um volume contendo toda a obra amazônica do escritor, dispersa em livros, revistas, jornais, arquivos, relatórios, entrevistas e cartas. O título, escolhido por ele: **Um paraíso perdido.** Não seria homenagem, pois, esta, a nação brasileira permanentemente promove, mas um dever cultural que precisamos resgatar perante os próprios brasileiros. Euclides da Cunha e seus "geniais lampejos de intuição", na frase de Gilberto Freyre, clareou horizontes amazônicos através de sua interpretação amorosa, lúcida, densa, penetrante. E, por isto mesmo, quem despertou, com a força de seu nome, ele, um revelador potente de realidades brasileiras, um forte brasileirismo amazônico.

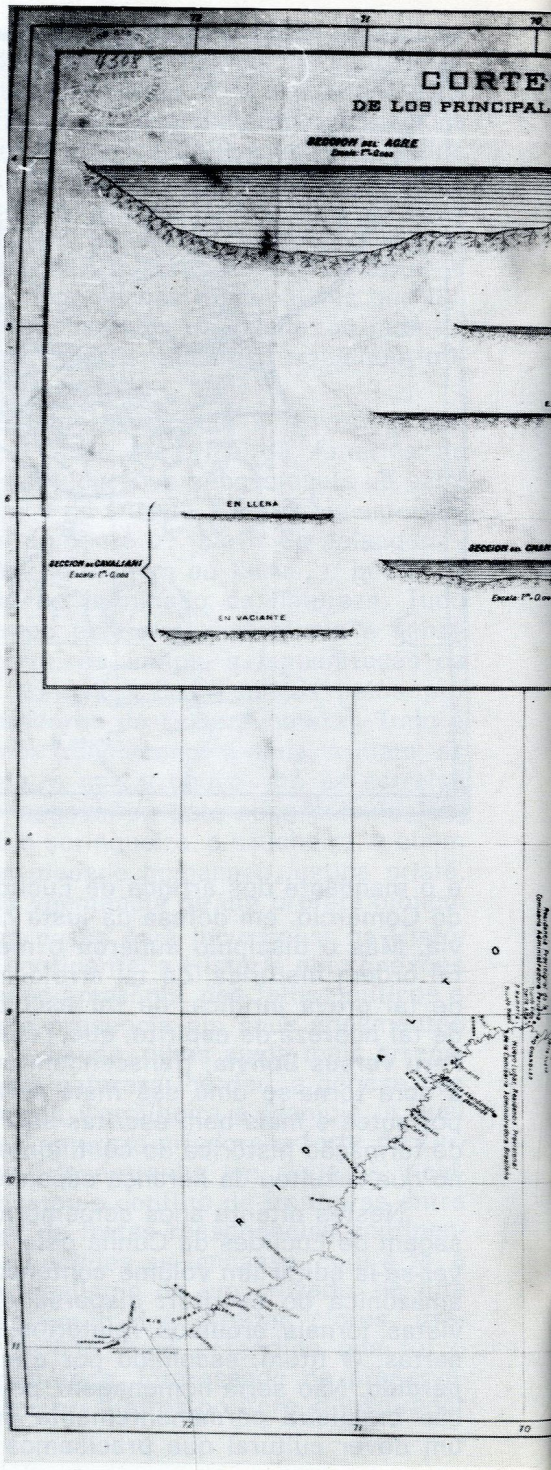
Exerce, no momento, a Presidência da República, um ilustre escritor, inteligência sensível à História brasileira, e confrade de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras. Conheço a sua admiração pelo autor de **Os Sertões**. O Presidente José Sarney é a personalidade justa para promover, sob os auspícios do Ministério da Cultura, a edição de **Um Paraíso Perdido**, comemorando o 80.° ano da saga euclidiana na Amazônia. Seria vívida lição de brasileirismo e um apaixonante modelo para a procura e valorização de constantes culturais brasileiras.

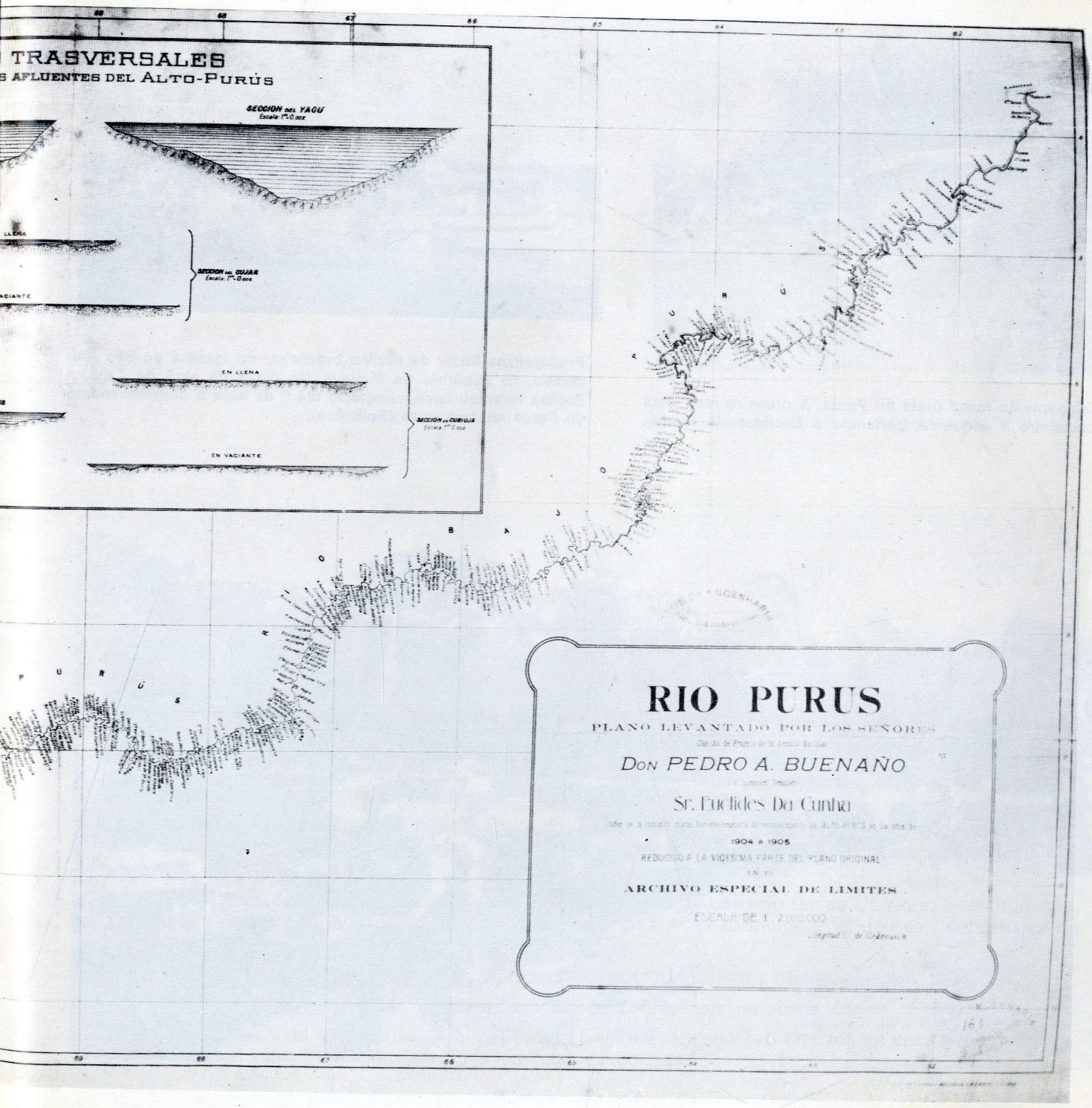
EUCLIDES DA CUNHA NA AMAZÔNIA

Descrição da viagem às nascentes do Purus, por Euclides, dois anos mais tarde.

"Há dois anos, num entardecer de julho, eu chegava, com os restos de uma comissão exploradora, à foz do Cavaljani, último esgalho do Purus, distante 3.200 quilômetros da confluência deste último no Amazonas; e tão perdido naquelas solidões empantanadas que nenhuma carta o relevava. Eramos nove apenas: eu, um auxiliar dedicadíssimo, o dr. Arnaldo da Cunha, um sargento, um soldado e cinco representantes de todas as cores reunidos, ao acaso, em Manaus. E ali chegáramos absolutamente sucumbidos. A nossa comissão dispersara-se, coagida pelas circunstâncias; naufragáramos em caminho; e os salvados da catástrofe mal bastariam àquele reduzido grupo de temerários. De sorte que ao atingirmos aquela estância remota já nos íamos, há dias, num terrível quarto de ração, de restos de carne sêca e restos de farinha, que eram o nosso desespêro e a nossa última salvação, sem nenhum outro gênero atenuando-nos a dieta inaturável. Para maior desdita os empecilhos à margem cresciam com o avançamento; maiores à medida que diminuiam os recursos. O rio, cada vez mais raso, quase estagnado nos estirões areientos, ou acachoando em corredeiras intermináveis, requeria trabalhos crescentes e verdadeiros sacrifícios.

Já não se navegava: as duas pesadas canôas de Itaúba iam num arrastamento a pulso, como se fossem por terra; e os remos, ou os varejões transformavam-se em alavancas, numerosíssimas vezes, para a travessia dos trechos mais difíceis. Ao descer das noites, os homens, que labutavam todo o dia, metidos nágua, sem um trago de aguardente, ou de café, que lhes mitigasse aquele regime bruto, acampavam soturnamente. Mal se armavam as barracas. Na ante-manhã seguinte, cambaleantes e trôpegos — porque as areias do rio, navalhando-lhes a epiderme, punham-lhes os pés em chagas — retravavam, desesperadamente, a luta da subida do rio que não se achava mais, tão extenso, tão monótono, tão sempre o mesmo, na invariabilidade de suas margens, que tínhamos a ilusão de nos andarmos numa viagem circular; abarracavamos; decampavamos; e ao fim de dez horas de castigo parecíamos voltar à mesma praia, de onde partíramos numa penitência interminável e rude..."




TRASVERSALES
S AFLUENTES DEL ALTO-PURÚS
SECCION DEL YAGU
SECCION DEL CUJAR
EN LLENA
EN VACIANTE
SECCION DE CURIUJA
RIO PURUS
PLANO LEVANTADO POR LOS SEÑORES
DON PEDRO A. BUENAÑO
Sr. Euclides Da Cunha
1904 a 1905
REDUCIDO A LA VIGESIMA PARTE DEL PLANO ORIGINAL
ARCHIVO ESPECIAL DE LIMITES
ESCALA DE 1 : 2.000.000
Longitud O. de Greenwich

Acampamento numa praia do Purus. A primeira rede com mosquiteiro à esquerda, pertencia a Euclides da Cunha.

Preparativos finais da flotilha brasileira, no igarapé de São Raimundo, no subúrbio de Manaus. No dia 5 de abril de 1905, a flotilha levantou ferro, chegando dia 9 de abril à desembocadura do Purus no Amazonas (Solimões).

VIAGEM DE EUCLIDES À AMAZÔNIA

(Cronologia comentada)

Osvaldo Galotti

A viagem de Euclides à Amazônia durou pouco mais de um ano.

Saiu do Rio dia 13 de dezembro de 1904 e retornou a 5 de janeiro de 1905.

Foi como chefe da Comissão Brasileira, da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de reconhecimento das cabeceiras do rio Purus.

Objetivos específicos da viagem:

1.° — Simples reconhecimento hidrográfico do Purus até ao Barracão Catay com levantamento das coordenadas geográficas assim como observações sobre o regime e os característicos físicos dos rios.

2.° — Exploração do Alto Purus, de Catay até os varadouros que vão ter ao Ucayale. Determinação, aproximada, das coordenadas das bocas de todos os principais afluentes, sobretudo do Curanja, Curiuja e Chandless.

3.° — Correção e complementação da planta levantada por William Chandless, em 1864.

4.° — No regresso, determinar as coordenadas da confluência do Purus.

5.° — Cada Comissão, a brasileira e a peruana, deverá apresentar um mapa dos trabalhos realizados e uma memória descritiva da zona percorrida.

6 de agosto de 1904 — Nomeação de Euclides para participar da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus.
Era para ser somente "auxiliar" do Chefe da Comissão porém, depois de uma prolongada conversa com o Barão do Rio Branco sobre esse assunto, em Petrópolis, foi nomeado Chefe da Comissão. (1)

13 de dezembro — Seguiu para a Amazônia a bordo do "Alagoas".

19 de dezembro — Parada no Recife. Encontro com Oliveira Lima, Clovis Bevilacqua e Regueira Costa. Este lhe forneceu informações sobre Castro Alves, seu amigo de juventude, as quais Euclides transcreveu em "Castro Alves e seu tempo."

22 de dezembro — Parada em Fortaleza.

? dezembro — Belém, onde parou poucas horas. Visita ao Museu Paraense, hoje Museu Goeldi, onde esteve com Emílio Goeldi e Jacque Huber, grande estudioso da botânica, e que, de fato, exerceu-lhe influência sobre a interpretação da Amazônia.

30 de dezembro — Chegada a Manaus, cidade designada, oficialmente, pelos dois países para o encontro das Comissões.
Alberto Rangel foi esperá-lo no Cais e na casa dele Euclides ficou hospedado, em Vila Glicínia, à boca da mata.

Janeiro a abril — Permanência em Manaus.
De início, entendimentos entre os dois chefes das Comissões para o desenvolvimento dos trabalhos. Providências administrativas.
Retardo em Manaus devido demora da chegada das "Instruções" sobre a viagem, que deviam ser enviadas pelo Itamaraty.
Pesquisas na Biblioteca do Estado e em arquivos diversos para levantamento de informações e dados referentes à história e geografia do Purus.
Os dois chefes das Comissões estavam preocupadíssimos com o atraso, pois iniciava-se o "período da vazante" na Amazônia, que dura oito meses, de abril a novembro. Na vazante a viagem iria se tornar muito mais difícil.

19 de março — Chegada das "Instruções".

5 de abril — A flotilha levantou ferro. Era composta de nove membros da Comissão (2) e vinte soldados; duas lanchas (sendo uma da Marinha, "Cunha Gomes" onde Euclides viajava) e mais um batelão, "Manoel Urbano", para gêneros.

BAIXO PURUS (1.496 km),

9 de abril — Foz do Purus. Estavam na fase final do "período da enchente" (dezembro a março). A viagem seria feita dia e noite, até à boca do rio Acre.
Cessava a navegação regular para o Alto Purus, devido a vazante.

Fins de abril — Cachoeira, considerada o término do Baixo Purus, ficando a pouca distância de Lábrea, a jusante.
"Pode-se considerar desimpedido todo o Baixo Purus." (Relatório).

MÉDIO PURUS (1.056 km)

2 de maio — Rio Acre. Regulamentação dos instrumentos das duas Comissões. Conclusões sobre as características do rio: O Purus é um rio divagante, sem leito fixo.
Com a perda do rio Acre o volume do Purus diminui bastante. O Acre é o seu maior tributário.
Depois desse ponto viajavam 9 a 11 km por dia. Só durante o dia.

11 de maio — Embocadura do Iaco.
Aparecimento de baixios de argila ("torrões") demorando a marcha.

21 de maio — Na "volta do Brás", a quarenta quilômetros antes da foz do Chandless, deu-se "acidente desastroso": naufrágio do batelão "Manoel Urbano", com o gênero existente.
Parte da Comissão ficou em São Brás para providências em relação do batelão neufragado.

ALTO PURUS (707 km)

23 de maio — Foz do Chandless. Início do Alto Purus. Espera nesse posto.
30 de maio — Partida da Foz do Chandless.
2 de junho — Chegada ao acampamento Refúgio.
3 de junho — Chegada a Novo Lugar, "um casario com aparências de vilarejo." Constatação de vários casos de beriberi. Ia-se entrar em região habitada, predominantemente, por peruanos.
7 de junho — Partida de Novo Lugar.
9 de junho — Sítio do Funil. Sublevação de cinco soldados da escolta da Comissão.
11 de junho — Sobral (último barracão brasileiro no Alto Purus). Estava-se a 2.552 km da foz do Purus.
13 de junho — Saída de Sobral. Primeiro barracão peruano do Alto Purus.
17 de junho — Rio Santa Rosa (3) (onde passa, atualmente, a fronteira do Brasil com o Peru).
22 de junho — Catay: sede das Comissões Fiscais Administrativas Peruano-Brasileiras.
28 de junho — Curanja. É um povoado decadente com cerca de 150 pessoas. Aí se deu o incidente no Barracão de Elia Barbaran onde, num almoço em homenagem às Comissões, enfeitaram o local com as cores da bandeira peruana e não se lembraram da bandeira brasileira...
6 de julho — Saída de Curanja.
18 de julho — Chegada, finalmente, à Forquilha do Purus. Aí o rio se bifurca no Cujar e Curiujá, que o formam.
24 de julho — Saída pelo Cujar à procura de sua nascente.
Devido o terreno começar a acidentar-se, pelo aumento da altitude os exploradores tiveram que transpor cerca de setenta "rápidos" (Trecho encachoeirado do rio).
30 de julho — À noite atingiram a confluência do Cavaljani no Cujar. Estavam chegando na nascente do Purus. O geógrafo inglês Chandless não subiu o Cavaljani.
31 de julho a 3 de agosto — Três dias para percorrer o Cavaljani (empurrando as canoas...) até chegar à confluência do Pucani que é a nascente mais meridional do Purus. É mérito de Euclides ter percorrido o Cavaljani e chegado ao Pucani, o que Chandless não fez, e atingido a nascente mais meridional do Purus no dia 3 de agosto, quando os peruanos aí chegaram dia 4.
3 e 4 de agosto — Reconhecimento do "varadouro" do Pucani. Esse varadouro (caminho aberto na mata para ligar dois rios) liga o Pucani a um afluente do afluente do Ucayale que é dos maiores tributários do Amazonas (ou Marañon) em território peruano. Pelo Ucayale e através do varadouro do Pucani descia muito caucho que o Peru exportava pelo Atlântico, via Purus.
4 de agosto a 23 de outubro — Retorno a Manaus.
23 de outubro a 18 de dezembro — Permanência em Manaus.
Durante esses cinqüênta e cinco dias as duas Comissões se reuniram, com a freqüência necessária, para entendimentos, ajustes e deliberações visando a elaboração comum do Relatório e da Ata final, oficial. Nenhum documento teria valor se fosse assinado só por um dos chefes da Comissão Mista.
29 de outubro — Importante entrevista dada por Euclides ao JORNAL DO COMÉRCIO, de Manuas, sobre a viagem.
15 de dezembro — Assinatura do Relatório pelos dois Comissários. (4)
18 de dezembro de 1905 a 5 de Janeiro de 1906 — Viagem de retorno ao Rio.

Depois do afundamento do "Manuel Urbano" na "Volta do Brás", o Tte. Argolo Mendes ajudado por habitantes locais (índios, seringueiros, etc.) resolve fazer uma ubá (canoa feita de um tronco de árvore).

Nota 1 — Há certo tempo que Euclides alimentava a idéia de ir à Amazônia, da mesma maneira como foi a Canudos: para depois escrever um livro. A viagem de uma Comissão de reconhecimento do Alto Purus seria excelente oportunidade para efetivar seu sonho. Quando José Veríssimo e Oliveira Lima demonstraram tanto interesse junto ao Barão do Rio Branco para que Euclides fizesse parte da referida Comissão, já o fizeram na intenção de propiciar a Euclides condições objetivas para nos dar, depois, uma obra idêntica a OS SERTÕES.

Nota 2 — O engenheiro agrônomo faleceu durante a viagem. Não temos elementos para informar onde se deu o falecimento e quando.

Nota 3 — Com o Tratado de Petrópolis toda a porção abaixo do rio Santa Rosa até as cabeceiras do Pucani ficou pertencendo ao Brasil. Devido o princípio diplomático do "uti possidetis" (direito de um país a um território cuja ocupação é efetiva e permanente por uma população que aí se organizou sem qualquer reclamação dos donos da terra) essa região pertencia, por direito, ao Peru a este país foi, depois, devolvida. O Peru tinha razão: a região que seu governo apresentou como litigiosa (Alto Juruá e Alto Purus) lhe pertencia. Fora-lhe devolvida conforme mapa elaborado por Euclides em 9 de julho de 1909.

Nota 4 — O Relatório vem acompanhado de NOTAS COMPLEMENTARES, de autoria de Euclides, desenvolvendo três itens:
1.° — Observação sobre a história e geografia do Purus.
2.° — O povoamento.
3.° — Navegabilidade do Purus. Trechos que devem ser melhorados. Urgência de uma navegação regular até as cabeceiras.

Para melhor conhecimento da personalidade de Euclides da Cunha, parece-nos indispensável a análise e a crítica das instituições e reflexões, ecológicas e cósmicas, conseqüentes à sua vivência com a Amazônia.

Foto oficial da Comissão Brasileira do Alto Purus. Não está presente o Tte. Alexandre Argolo Mendes, substituto do Chefe da Comissão, que era Euclides da Cunha. (Foto tirada em Manaus).

O soneto que Euclides escreveu na foto é a dedicatória a um amigo, cujo nome não consta. É foto oficial da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Nesta foto está ausente o Tte. Argolo Mendes.

FICHA TÉCNICA

Textos
PRESIDENTE JOSÉ SARNEY
PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA
HENRIQUE L. ALVES
LEANDRO TOCANTINS

Iconografia e Cronologia
OSVALDO GALOTTI
Diagramação e Arte Final
HENRIQUE V. LOSINSKAS
Realização
CENTRO CULTURAL
"FRANCISCO MATARAZZO SOBRINHO"

Promoção

MANAUS - AM

Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
ROGÉRIO BRAGA
União Brasileira de Escritores/Amazonas
JAYME PEREIRA
Fundação Universidade do Amazonas
PROF. ROBERTO VIEIRA
Suframa
ROBERTO COHEN

Prefeitura Municipal de Manaus
AMAZONINO MENDES
Governo do Estado do Amazonas
GILBERTO MESTRINHO

SÃO PAULO - SP

Academia Paulista de Letras
LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO
Governo Democrático de São Paulo
FRANCO MONTORO
Secretaria de Estado da Cultura
JORGE CUNHA LIMA
Centro Cultural "Francisco Matarazzo Sob"
PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO - SP

Casa "Euclides da Cunha"
CARMEN CECILIA TRAVATTO MASCHIETTO
Grêmio "Euclides da Cunha"
MARCIO JOSÉ LAURIA
Prefeitura Municipal de
São José do Rio Pardo
SILVIO FRANÇA TORRES
Apoio Cultural
Banco ITAU

Coordenação: Roswitha Kempf Editores
Revisão: Rodolpho Ceraso
Composição: Linotec e Textoart
Fotolitos: Fototraço Ltda.
Impressão: ADL Gráfica Editora
São Paulo, 1985.

Capa: Foto oficial dos membros da Comissão Brasileira do Alto Purus. 1 — Francisco Lemos — Comandante do Destacamento. Alferes. Do 36.º BI de Manaus. 2 — Manoel da Silva Leme — Secretário da Comissão. Engenheiro Civil. 3 — Tenente Alexandre de Argolo Mendes — Ajudante Substituto. 1.º Tenente da Infantaria. 4 — Egas Chaves Florence — Fotógrafo da Expedição. 5 — Euclides da Cunha — Chefe da Comissão. Bacharel em Ciências Físicas e Naturais. 6 — Dr. Tomás Catunda — médico. 7 — Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha — Técnico. Engenheiro Civil. 8 — Rodolfo Nunes Pereira — Encarregado do Material. 9 — Antonio Carlos Cavalcante de Carvalho — Comandante Subalterno. Alferes. Do 36.º BI de Manaus. Mais 20 soldados do 36.º Batalhão de Infantaria de Manaus.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA